

CAPA

@ 2023 by Programa de Pós-graduação em Letras (UESPI)

Direitos reservados ao Programa de Pós-graduação em Letras (UESPI)

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores e do editor.

Capa: Diego Lopes

Editoração e preparação dos originais:

Revisão: Autores



Apoio:

L649 LETRAS EM REVISTA – v. 14, n. 02, 2023. Teresina: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011.

Semestral.

ISSN: 2318-1788

1. Estudos Literários. Estudos Linguísticos. Estudos Culturais - Periódico. 2.
Universidade Estadual do Piauí.

CDD 613.703



Governador do Estado

Rafael Tajra Fonteles

Reitor

Evandro Alberto de Sousa

Vice-Reitor

Jesus Antônio de Carvalho Abreu

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Raurys Alencar de Oliveira

Pró-Reitora de Administração

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires

Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Lucídio Beserra Primo

Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Ivoneide Pereira de Alencar

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras

Franklin Oliveira e Silva

LETRAS EM REVISTA

Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí.

Equipe Editorial

Editor Chefe

Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Conselho Editorial

Estudos Literários

- Profa. Dra. Adriana Bebiano (Universidade de Coimbra)
Prof. Dr. Alfredo Cordiviola (UFPE/CNPq)
Profa. Dra. Ana Pizarro (Universidade do Chile)
Prof. Dr. Anselmo Peres Alós (UFSM/CNPq)
Profa. Dra. Ana Margarida Ramos (Universidade de Aveiro)
Profa. Dra. Fernanda Maria Abreu Coutinho (UFC)
Prof. Dr. Flavio Garcia (UERJ)
Profa. Dra. Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo (UFG/CNPq)
Profa. Dra. Luiza Lobo (UFRJ)
Profa. Dra. Marcia Miguel Manir Feitosa (UFMA)
Profa. Dra. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho (UNIFESP)
Profa. Dra. Regina Zilberman (UFRGS/CNPq)
Profa. Dra. Sandra Regina Goulart Almeida (UFMG/CNPq)
Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB)
Profa. Dra. Tania Regina de Oliveira Ramos (UFSC)
Profa. Dra. Vera Teixeira de Aguiar (PUCRS)

Estudos Linguísticos

- Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves (UFGD/CNPq)
Profa. Dra. Antonia Dilamar Araújo (UECE)
Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UNICAP/UPE)
Prof. Dr. Dermeval da Hora (UFPB/CNPq)
Profa. Dra. Livia Suassuna (UFPE)
Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)
Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)
Profa. Dra. Maria da Glória di Fanti (PUCRS)
Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB)
Profa. Dra. Mercedes Fátima de Canha Crescitelli (PUCSP)
Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC/CNPq)
Profa. Dra. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior (UFES)
Profa. Dra. Rosângela Hammes de Oliveira (UFSC/CNPq)
Prof. Dr. Sandro Luis da Silva (UNIFESP)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| DOSSIÊ: ESCRITAS DE SI: AUTOBIOGRAFIA, AUTOFICÇÃO, LITERATURA DE TESTEMUNHO, CARTAS, DIÁRIOS, MEMÓRIAS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ESCRITORES E ESCRITORAS LATINO AMERICANA..... | 8 |
| Organização: | |
| Alfredo Adolfo Cordiviola (UFPE) | |
| Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI) | |
| Susana Beatriz Cella (UBA- Buenos Aires) | |
| 1. A MEMÓRIA COMO LUGAR DE DOR EM VISTA CHINESA DE TATIANA SALEM LEVY E N’O PLANTADOR DE ABÓBORAS DE LUÍS CARDOSO..... | 11 |
| Pedro d’Alte (Universidade Politécnica de Macau) | |
| 2. DAS PERIPÉCIAS DE O MENINO GRAPIÚNA: TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE JORGE AMADO..... | 26 |
| Caio da Silva Carvalho (UFPI) | |
| 3. AS POTENCIALIDADES DA NARRATIVA DO “EU” NA FORMAÇÃO DO LEITOR: ANÁLISE DO ROMANCE MINHA GUERRA ALHEIA, DE MARINA COLASANTI..... | 42 |
| Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP) | |
| Rosa Maria Cuba Riche (UERJ) | |
| 4. MEMÓRIAS DE UMA MENINA, O DIÁRIO DE HELENA MORLEY..... | 56 |
| Kauanne Laryse Oliveira (UFPA) | |
| Juliana Maia de Queiroz (UFPA) | |
| 5. O INESPECÍFICO NA AUTOFICÇÃO DE “PAI, PAI”..... | 69 |
| Adriana Pimenta (PUC-SP) | |
| 6. A TRANSMISSÃO EM A CHAVE DE CASA: A HERANÇA FAMILIAR..... | 79 |
| Gustavo Dias de Sousa (PPGL/UFG) | |
| Sara Caroliny Pires (PPGLL/UFG) | |

| | | |
|-----|--|------------|
| 7. | “SEU SILÊNCIO NÃO VAI TE PROTEGER”: A ESCRITA FORASTEIRA DE AUDRE LORDE..... | 93 |
| | Paulo Petronílio (UNB) | |
| 8. | A POSIÇÃO DO NARRADOR NO ROMANCE “A RESISTÊNCIA”, DE JULIÁN FUKS..... | 107 |
| | José Ricardo Costa Miranda Filho (UMA) | |
| 9. | “SE UM DIA EU LHE ENVIAR ESTAS LINHAS, VOCÊ VAI QUERER SABER O RESTO DA MINHA HISTÓRIA”: A ESCRITA TESTEMUNHAL AFRO-CARIBENHA DE FRANÇOISE EGA EM <i>CARTAS A UMA NEGRA</i>..... | 125 |
| | Aline Santos Silva (UNILA) | |
| | Emerson Pereti (UNILA) | |
| 10. | A AUTOFIÇÃO EM <i>OS DETETIVES SELVAGENS</i>: OS PARTICULARISMOS DA ESCRITA DE SI NA NARRATIVA DE ROBERTO BOLAÑO..... | 139 |
| | Herbert Micael Araújo (UFRGS) | |
| 11. | AMEMÓRIAPOLÍTICA E OCÁRCERE: UMA LEITURA CINEMATÓGRÁFICA DO TESTEMUNHO A PARTIR DO FILME <i>A TORRE DAS DONZELAS</i>..... | 152 |
| | César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFNT) | |
| 12. | “PÁGINA CONFIDENCIAL”: ESCRITAS DE SI EM VIDA CAPICHABA (1925)..... | 164 |
| | Grace Alves da Paixão (UFES) | |
| 13. | CLAUSTROSOFA, CÁRCERE E RASURA NAS BIOGRAFIAS LITERÁRIAS DE ESCRITORES MILITANTES POLÍTICOS: TRAVESSIAS DE DALCÍDIO JURANDIR..... | 182 |
| | Viviane Dantas Moraes (UFMA) | |
| 14. | “UM PROJETO DE LIVRO E AMIZADE”: A CORRESPONDÊNCIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA HORÁCIO DE ALMEIDA DURANTE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DICIONÁRIO ERÓTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1977-1982)..... | 193 |
| | Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (USP) | |
| 15. | NARRAR A DIFERENÇA: A AUTOFIÇÃO COMO FERRAMENTA NARRATIVA <i>EM ENQUANTO OS DENTES</i>..... | 206 |
| | Sandro Aragão Rocha (UFRJ) | |
| | Arthur Felipe Fiel (UFES) | |
| 16. | ELAS EDITAM: MULHERES-EDITORAS-INDEPENDENTES NO BRASIL E NA ARGENTINA..... | 219 |
| | Letícia Santana Gomes (UFOP) | |

17. **DIÁLOGOS COM A TRADIÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA ARGENTINA EM PATRÍCIO PRON: UMA LEITURA DE *O ESPÍRITO DOS MEUS PAIS CONTINUA A SUBIR NA CHUVA*.....** 231
Wibsson Ribeiro Lopes (IEL/UNICAMP)

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: ESCRITAS DE SI: AUTOBIOGRAFIA, AUTOFIÇÃO, LITERATURA DE TESTEMUNHO, CARTAS, DIÁRIOS, MEMÓRIAS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ESCRITORES E ESCRITORAS LATINO AMERICANA

Um dos mais antigos exemplos de literatura cristã, a *Vita Antonii* de Atanásio, ofereceu a Michel Foucault a possibilidade de descrever e categorizar uma prática que manteria sua vigência ao longo dos séculos, a escrita de si. Como se sabe, em Atanásio Foucault associa essa prática com as artes e as demandas do ascetismo. Registrar por escrito os pensamentos seria uma forma de abrir a via da purificação, um recurso capaz tanto de disciplinar o corpo quanto de protegê-lo dos ataques e das tentações dirigidos pelos inimigos da alma. Escrever de si e para si seria então construir uma máquina de guerra, para poder estar melhor equipado, e com armas mais eficazes, para o ingente e perpétuo combate contra as forças do demônio. Por outra parte, ajudaria também a lutar contra a solidão, a encontrar nos traços das letras e nos movimentos da mão formas aliadas com as quais pudesse ser estabelecido algum tipo de diálogo, íntimo e silencioso.

A escrita de si obedece assim a um mandato interior: escrever tudo, dizer tudo, como numa confissão. Não é tarefa simples, porém, já que se trata de um trabalho tenso, sujeito a permanentes agitações, e porque nenhuma escrita é transparente, e nem sempre será capaz de extravasar os pensamentos da maneira limpa e precisa. A perdição também poderia estar encerrada nessas letras, e é por isso que a escrita, como o corpo, também deve ser disciplinada, para que não viesse porventura a dizer aquilo que não deveria, ou que nunca poderia, ser dito.

As considerações de Atanásio permitem a Foucault analisar retrospectivamente as evoluções da escrita de si na cultura greco-romana. Em Epicteto, em Seneca, em Plutarco, em Marco Aurélio, irá revisando os diversos elementos que confluem nessa arte, que é também uma técnica: escrita como exercício contínuo para o governo de si, escrita como treinamento e meditação, escrita como prova de verdade. Nesse sentido, examinará as raízes dessa dedicação em dois gêneros prévios, os *hypomnemata* e as correspondências.

Os primeiros se referem a um tipo de caderno, guia ou agenda em que se reuniam, como diz Foucault, “memórias materiais das coisas lidas, ouvidas ou pensadas”. De caráter necessariamente fragmentário, eram pequenos tesouros privados em que se acumulavam citações, ideias, memem-

tos, tarefas. Serviam como fonte de recursos, que poderiam ser utilizados conforme necessário e de acordo às circunstâncias. Nem diários íntimos nem narrativas espirituais, essas espécies de enciclopédias de coisas menores e heterogêneas serviam como instrumentos pedagógicos para a formação de si, através dos discursos dos outros, já enunciados e consagrados pelo ensino e pela tradição, e da reverberação desses discursos nos usos e articulações a serem dados e criadas pelo escrevente.

Cadernos como esses podiam servir também como matéria prima na escrita de cartas. As cartas, por definição, supõem a existência de algum interlocutor, mesmo imaginário ou figurado, a quem se dirigem e interpelam, mas antes de tudo são palcos para que a primeira pessoa se apresente, apareça, e possa dizer quem é e para que está escrevendo. As epístolas presentificam e exibem o eu, mas também o modelam, a partir dos intercâmbios e réplicas que se estabelecem com os destinatários. Relatar sucessos cotidianos, percalços do corpo, planos futuros para esse interlocutor que aguarda a chegada dessas anotações é também uma forma de falar para si mesmo, de indagar a consciência de quem está escrevendo, como se estivesse diante de um espelho, que só depois se converterá em palavras colocadas em circulação e em traços para serem lidos. A escrita de si surge então como uma interlocução consigo mesmo, como uma “técnica de vida” que se desenvolve não apenas no âmbito privado, mas está destinada a intervir na esfera pública.

Da Antiguidade clássica até hoje, considerações como essas nos ajudam a pensar um gênero que parece estar constantemente se reinventando as si mesmo: autobiografias, memórias, histórias de vida, diários, cartas, autoficções, literatura de testemunho, escrita de si. Dessas reinvenções dão conta os dezessete artigos reunidos neste dossiê de *Letras em Revista*. O dossiê tem a virtude de abordar a temática a partir de perspectivas muito diversas, oferecendo incisivas análises de obras que respondem a procedências, projetos literários e épocas igualmente diferentes. Articuladas no espaço destas páginas, essas contribuições estão fadadas a dialogar entre si e a problematizar, de maneira singular e também especularmente, as noções teóricas que invocam.

Favorecidos pela multiplicidade de autoras, autores e obras escolhidas, os artigos poderiam ser agrupados conforme algumas linhas temáticas recorrentes. Uma delas tem a ver com escritas que se propõem interpelar e denunciar as violências institucionais e as perduráveis feridas ocasionadas pelo terrorismo de estado. Das memórias dos cárceres e campos de concentração instituídos pelas ditaduras reveladas por presas políticas no Brasil no filme *Torre das donzelas* à Patricio Pron e suas releituras da obra de Rodolfo Walsh, assassinado pela ditadura argentina; das lembranças de Dalcídio Jurandir, militante preso na era Vargas, às formas de resistência contra opressão em Julian Fuks e às logicas da vida familiar entremeadas com os desgarramentos do exílio em *A chave de casa*, da portuguesa Tatiana Salem Levy. Outra linha temática foca diretamente nas mulheres, nas suas escritas militantes como em Audre Lord e Glória Anzaldúa, na persistência de uma voz testemunhal que insiste em ser ouvida, como na escritora antilhana Françoise Ega, na determinação de mulheres editoras independentes na Argentina e no Brasil que transformam a produção de livros em gesto político que visibiliza diversidades e diferenças, nas denúncias das violências contra a mulher dramatizadas nas ficções de Tatiana Levy e do timorense Luís Cardoso, na experiência diante das guerras próprias e alheias em Marina Colasanti, nas reportagens confidenciais publica-

das em *Vida capichaba*, periódico do Espírito Santo nos anos 20, nas recordações em *Minha vida de menina* escritas no Brasil do final do Oitocentos por Helena Morley. Os limites e os sentidos da categoria de “autoficção” são por sua vez indagados a partir das memórias de infância de Jorge Amado, na correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Horácio de Almeida em torno a um dicionário erótico da língua portuguesa, nos romances *Pai, Pai* de João Silvério Trevisan e *Enquanto os dentes* do carioca Carlos Eduardo Pereira ou na consagrada prosa de *Os detetives selvagens*, de Roberto Bolaño.

Ditaduras, mulheres, autoficção: a postulação de três linhas temáticas que atravessam os artigos do dossiê é certamente arbitrária, apenas uma possibilidade entre outras várias. E se é arbitrária é porque permite enfatizar não só as concordâncias e interseções presentes nos textos, mas também a pluralidade de interpretações possíveis e a variedade e riqueza das abordagens propostas, virtudes todas que caberá agora às leitoras e leitores desta revista descobrir.

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola (UFPE/CNPq)
Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI)
Profa. Dra. Susana Beatriz Cella (UBA- Buenos Aires)